



## **POLÊMICAS DISCURSIVAS: AS PERGUNTAS A JAIR BOLSONARO NO *RODA VIVA***



### **DISCOURSIIVE POLEMICS: INTERVIEWERS' QUESTIONS TO JAIR BOLSONARO AT *RODA VIVA***

MAIT PAREDES ANTUNES

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA  
RECEBIDO EM 23/02/21 • APROVADO EM 02/03/21

---

#### **Abstract**

This paper analyzes — through the concepts of dialogical relations and polemics, as developed in **Problems of Dostoevsky's Poetics**, by Mikhail Bakhtin — the questions asked by the interviewers to Jair Bolsonaro in the *Roda Viva* tv show of July 30, 2018, in order to reveal the controversies within the interactants' discourses and the relations established with its objects. The questions asked by the panel of interviewers, composed entirely of journalists, repeatedly referred to Bolsonaro's previous statements that gained notoriety in the Brazilian media. From the transcription of these questions, it is possible to verify in which of them a polemic is established, revealing socio-ideological positions and eliciting specific types of answers. Since the other person's discourse as an object of challenge refers to that of the interviewee himself, he often employs a dialogical relationship of denial of what is attributed to him as his speech or as the object of his own speech. Thus, the study of Bakhtinian concepts is fundamental for the analysis of this corpus, because it is through a dialogic angle that the relationships between language and the subject, the subject with the other and with the object of his discourse take place.

---

#### **Resumo**

Este trabalho analisa, pelos conceitos de relações dialógicas e de polêmica, como desenvolvidos na obra **Problemas da Poética de Dostoiévski**, de Mikhail Bakhtin, as perguntas feitas pelos entrevistadores a Jair Bolsonaro no programa *Roda Viva* de 30 de julho de 2018, a fim de revelar as polêmicas instauradas nos discursos dos interactantes e as relações estabelecidas com os objetos de seus próprios discursos. As

perguntas feitas pela bancada de entrevistadores, composta exclusivamente por jornalistas, recorrentemente referiram-se a declarações prévias de Bolsonaro que obtiveram notoriedade na mídia brasileira. A partir da transcrição dessas perguntas, é possível verificar quais delas estabelecem polêmicas, reveladoras de posicionamentos sócio-ideológicos e suscitam tipos de respostas. Uma vez que o discurso do outro enquanto objeto de contestação refere-se ao do próprio entrevistado, este frequentemente assume uma relação dialógica de negação daquilo que lhe é atribuído como um discurso seu ou como objeto de seu próprio discurso. Assim, o estudo dos conceitos bakhtinianos é fundamental para a análise desse *corpus*, porque é pelo ângulo dialógico que se colocam as relações entre a língua e o sujeito, o sujeito com o outro e com o objeto de seu discurso.

---

### Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Dialogical relations. Open polemics. Veiled polemics. Jair Bolsonaro. Roda Viva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações dialógicas. Polêmica aberta. Polêmica velada. Jair Bolsonaro. Roda Viva.

---

### Texto integral

---

## 1. INTRODUÇÃO

O Roda Viva é um programa televisivo de entrevistas transmitido, pela TV Cultura desde setembro de 1986, e que convida figuras públicas a responder sobre os mais diversos assuntos<sup>1</sup>. Em 2018 foi produzida uma série de entrevistas, chamada Presidenciáveis, para a qual foram convidados os pré-candidatos à presidência<sup>2</sup> do Brasil, cuja eleição aconteceu naquele mesmo ano. Jair Bolsonaro, um dos entrevistados e depois eleito, nasceu em 1955, é um militar da reserva e deputado federal, e cumpria, à época da entrevista – que foi ao ar em 30 de julho de 2018 – seu sétimo mandato. Ganhou notoriedade, desde sua época como militar, por declarações públicas contrárias aos Direitos Humanos, bem como apologia à violência, legitimação da ditadura militar, além de discursos polêmicos em relação a grupos sociais historicamente oprimidos e marginalizados na sociedade brasileira, atacando outros discursos em circulação sobre os direitos desses grupos<sup>3</sup>; e nos

---

<sup>1</sup> Compõem a lista de centenas de entrevistados pelo programa nomes como Ayrton Senna, Hortência de Fátima Marcani (esportes), Luís Carlos Prestes, Fidel Castro, Luis Inácio Lula da Silva, Fernando Henrique Cardoso, Janaína Paschoal, Ciro Gomes, Hugo Chávez (política), Celso Furtado (economia), Mia Couto, Benedito Ruy Barbosa (literatura), Laerte, Ziraldo (quadrinhos), Drauzio Varella (medicina), Jon “Maddog” Hall (tecnologia), Alex Atala (gastronomia), Héctor Babenco, David Lynch (cinema), Marilena Chauí (filosofia), Emília Viotti da Costa (história), Chico de Oliveira (sociologia), Rafinha Bastos, Hebe Camargo (entretenimento), Noam Chomsky, Alfredo Bosi (linguística), Aziz Ab’Saber (geografia), Dom Paulo Evaristo Arns (religião), entre outros.

<sup>2</sup> A partir do mês de maio de 2018, houve a participação de Guilherme Boulos, do PSOL; Manuela D’Ávila, do PCdoB; Geraldo Alckmin, do PSDB; Ciro Gomes, do PDT; João Amoêdo, do Partido Novo; Jair Bolsonaro, do PSL; e Guilherme Afif, do PSD. A edição que entrevistou Jair Bolsonaro foi a mais assistida entre elas, com alcance de cerca de nove milhões de pessoas, segundo reportagem no *site* do *Uol*.

<sup>3</sup> Alguns exemplos dessas declarações são: “Morreram poucos. A PM [polícia militar] tinha que ter matado mil” sobre o massacre do Carandiru em declaração pública (1992); “Realmente, a cavalaria brasileira foi muito incompetente. Competente, sim, foi a cavalaria norte-americana, que dizimou seus índios no passado e, hoje em dia, não tem esse problema em seu país” em discurso na Câmara (1998); “Pau-de-

últimos cinco anos, essa notoriedade foi acentuada tanto pela mídia nacional quanto pela internacional. Enquanto candidato à presidência, Jair Bolsonaro participou de dois dos 14 debates eleitorais televisivos, o que reforça a importância da entrevista ao Roda Viva como um dos poucos momentos em que ele falou organizadamente antes das eleições.

Este artigo objetiva analisar as perguntas feitas ao então candidato pela bancada de entrevistadores – os quais citam tais declarações prévias de Jair Bolsonaro recorrentemente – de modo que se responda à seguinte pergunta: as polêmicas instauradas pelos entrevistadores, a partir de sua maior preocupação com a transmissão do discurso alheio, revelam quais matrizes ideológicas? Por um lado, as perguntas polêmicas colocam o discurso do próprio entrevistado como objeto de contestação, limitando-se a declarações passadas, o que deixa pouco espaço para propostas futuras. Por outro, o entrevistado reage a essas perguntas de modo a justificar ou negar seu próprio discurso, abandonando o assunto proposto e negligenciando propostas de governo e questões sociais.

Pela metodologia e conceitos de relações dialógicas e polêmica aberta e velada, como propostos por Bakhtin em **Problemas da Poética de Dostoiévski**, espera-se verificar o efeito desse fenômeno metalinguístico em um contexto de entrevista televisiva que se propõe ao debate político. Primeiramente, a metodologia e os conceitos serão abordados; a seguir, será feito um panorama geral das perguntas feitas ao longo de toda a entrevista; depois, será transcrito um exemplo dessas perguntas, seguido de uma elaboração sobre as respostas que elas suscitam.

## 2. RELAÇÕES DIALÓGICAS E POLÊMICA ABERTA E VELADA

A metalinguística, disciplina proposta por Bakhtin em **Problemas da Poética de Dostoiévski**, e a linguística “estudam um mesmo fenômeno concreto e multifacético – o discurso –, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão” (BAKHTIN, 2013, p. 207). Esses ângulos de visão referem-se ao tratamento monológico da língua – feito pela linguística, que contempla a sintaxe e as relações lógicas e semânticas, imprescindível à metalinguística – e ao tratamento dialógico, que compreende além do verbal. A partir de análise literária, Bakhtin analisa o fenômeno discursivo da dupla orientação da palavra, relativo aos enunciados concretos: “a palavra tem um duplo sentido, voltado para o objeto do discurso como palavra comum e para um *outro discurso*, para o *discurso de um outro*” (BAKHTIN, 2013, p. 212).

---

arara funciona. Sou favorável à tortura, tu sabe disso. E o povo também” em entrevista à TV Bandeirantes (1999); “Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui. Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí” em entrevista à revista Playboy (2011); “Não empregaria [homens e mulheres] com o mesmo salário. Mas tem muita mulher que é competente” em entrevista à RedeTV (2016); “Somos uma país cristão. Não existe essa historinha de Estado laico, não. O Estado é cristão. Vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar às majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem” em comício na Paraíba (2017).

Procurando criar uma metodologia capaz de analisar a obra de Dostoiévski, Bakhtin argumenta que, ao falar, um interlocutor pode polemizar com outro enunciado de modo a estabelecer uma relação dialógica não entre as palavras, mas entre signos, os quais são formulados pelo linguístico e pelo extralinguístico, referentes aos tons valorativos conferidos às palavras em um determinado gênero. Ambas as dimensões são bivocais, porque o discurso do outro aparece na fala de um interlocutor, acrescido de compreensão ativa e responsiva, seja pelas formas composicionais, empregadas conforme o gênero, seja pela referência a ele no próprio enunciado.

Essa referência compõe o que Bakhtin chamou de polêmica, que consiste em abordar o discurso do outro de modo subentendido, na polêmica velada, ou de modo direto, no caso da polêmica aberta; nas duas modalidades, é estabelecido um conflito. Se na polêmica velada o discurso ainda se mantém orientado para o seu objeto, na aberta acontece um deslocamento: toma-se como objeto o discurso do outro:

Na polêmica velada, o discurso do autor está orientado para o seu objeto, como qualquer outro discurso; neste caso, porém, qualquer afirmação sobre o objeto é construída de maneira que, além de resguardar seu próprio sentido objetivo, ela possa atacar polemicamente o discurso do outro [...]. A polêmica aberta está simplesmente orientada para o discurso refutável do outro, que é o seu objeto. (BAKHTIN, 2013, p. 224)

A polêmica, enquanto fenômeno discursivo, é também teorizada por Ruth Amossy, pesquisadora de Argumentação e Retórica e estudiosa da perspectiva de Dominique Maingueneau. A autora aborda a questão em **Apologia da polêmica** (2017) e argumenta que ela acontece em um ambiente público, geralmente com tema político – e, portanto, jornalístico, na medida em que é a mídia que incentiva o confronto entre debates polêmicos – e possui três traços definidores: a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro, uma vez que, ao se atacar o argumento de alguém, ataca-se o sujeito autor daquele argumento:

Encontramos aí [na polarização] um dos traços definitórios fundamentais da polêmica verbal. Na disputa que se desenrola face ao terceiro, ela se distingue sempre pelas tentativas de desqualificação do Oponente. [...] A desqualificação da tese, geralmente, acompanha a desqualificação da pessoa ou do grupo que ela representa, ainda que a polêmica seja fértil em argumentos *ad hominem*. (AMOSSY, 2017, p. 59)

No entanto, é justamente na diferenciação entre o direcionamento do discurso atacante que reside a relação dialógica que se estabelece entre interlocutores imediatos; em uma situação de entrevista televisiva, por exemplo, o entrevistado não é colocado na posição de “Oponente demonizado”, como sugere Amossy (2017, p. 60): um entrevistador, por mais que procure se marcar como pertencente a um grupo discordante daquele do entrevistado, não pode assumir uma posição congelada simetricamente oposta daquele a quem dirige suas

perguntas, sob pena de perder, aos olhos dos telespectadores, a autoridade da instituição que representa. Nesse sentido, o discurso do outro – bem como o outro – a ser atacado está diante dele, em uma relação hierarquizada imediata e ideologicamente atravessada, com diversas malhas conceituais que perpassam os discursos e estabelecem fenômenos discursivos como o da polêmica em diferentes gradações e diversas determinações da própria esfera em que se encontram os interactantes: é nesse contexto que o direcionamento do discurso condiciona a interação.

Amossy também defende que a polêmica é uma modalidade argumentativa, ampliando – ao inserir a noção do Terceiro, o telespectador ou aquele a quem a polêmica é dirigida – e compartilhando alguns aspectos da definição sobre o mesmo fenômeno discurso feita por Maingueneau, como o de antagonismo das posições. Para o autor, há espaços discursivos pré-estabelecidos a partir dos quais os sujeitos elaboram “formações discursivas” que se confrontam de modo a se delimitar mutuamente em categorias semânticas, divididas em pares de oposição simétricos e insuperáveis:

Cada uma das formações discursivas do espaço discursivo só pode traduzir como “negativas”, inaceitáveis, as unidades de sentido construídas por seu Outro, pois é através desta rejeição que cada uma define sua identidade. Uma formação discursiva opõe dois conjuntos de categorias semânticas, as reivindicadas (chamemo-las de “positivas”) e as recusadas (as “negativas”). (MAINGUENEAU, 1997, p. 122)

Ambos os autores franceses, então, formulam a polêmica pelo viés dicotômico e sincrônico, em que as repartições entre o Eu e o Outro; o Proponente e o Oponente; “nós” e “eles”, que procuram “aderir a um grupo constitutivo de uma identidade” (AMOSSY, 2017, p. 57). Já para a perspectiva bakhtiniana de polêmica, tanto a diacronia quanto o extralinguístico são fundamentais para a compreensão dos enunciados, os quais são fundamentados pelas relações dialógicas para além de categorias semânticas exteriores aos falantes.

### **3. O PROGRAMA RODA VIVA E OS ENTREVISTADORES**

O mais antigo programa de entrevistas da televisão brasileira tem como uma de suas principais características a variação dos entrevistadores conforme o entrevistado – à exceção do mediador, que pode permanecer o mesmo por anos –, não havendo uma restrição a apenas jornalistas; ou seja, para cada entrevistado, são convidados entrevistadores com atuação na mesma esfera de atividade humana que aquele que ocupa o centro da arena. Essa característica do programa, no período em que foi criado, de redemocratização pós-ditadura militar, representava uma inovação em termos de divulgação de conhecimentos dos mais diversos campos do

saber e, portanto, de acesso à informação e ao livre debate de ideias, dialogando com uma importante carência do público, em épocas de fim da censura estatal direta.

A própria concepção do programa, então, abre um terreno fértil ao estabelecimento de polêmicas discursivas, uma vez que, para além do diálogo entre discursos, as diferentes vozes ali presentes lançam mão da retomada de discursos alheios para contestá-los com o objetivo de, como afirmou Valdir Zwetsch, diretor de jornalismo da TV Cultura à época da estreia do Roda Viva e idealizador do programa, “botar contra a parede o entrevistado” (LIMA *apud* VELOSO, 2011, p. 81). Por exemplo, em uma edição de dezembro de 1987, que entrevistou o cientista político Herbert de Souza, os entrevistadores representaram as esferas estatal, acadêmica e jornalística; vozes correspondentes a posições axiológicas diversas que trouxeram ao debate pluralidade informativa, fornecida pelas polêmicas estabelecidas entre o discurso oficial do então governo José Sarney e o científico do entrevistado (VELOSO, 2011).

Desde sua criação, o Roda Viva amplia o gênero de entrevistas televisivas assumindo o “discurso do jornalismo público, que desconhece fronteiras empresariais em nome do interesse público” (SILVA, 2011, p. 55) já que jornalistas especialistas eram convidados independentemente de comporem o quadro da TV Cultura. Os entrevistadores, então, ficam divididos em dois grupos: os que possuem alguma área de atuação relacionada com a do entrevistado – e que portanto se preocupam em discutir temas relativos a ela – e os jornalistas, que “desempenham melhor o papel de fiscalização, de cães de guarda dos interesses do público e lidam o pacto sobre o papel do jornalismo de efetivar um debate público a partir de critérios democráticos” (SILVA, 2011, p. 58) – cuja preocupação é voltar a discussão, por exemplo acadêmica, ao interesse do telespectador; assim o Roda Viva promoveu por décadas debates amplos sobre assuntos e personalidades relevantes aos brasileiros.

Quase 35 anos depois, essa abordagem continua a mesma, e na série *Presidenciáveis* de 2018 não foi diferente: em todas as edições com os candidatos houve a participação de entrevistadores com diversas atuações<sup>4</sup>, exceto a de Bolsonaro, cuja seleção manteve-se restrita a jornalistas. Essa condição é relevante, porque pode-se argumentar que as polêmicas estabelecidas por eles são preferencialmente relativas ao que já foi divulgado pela mídia antes do programa, ou seja, as próprias perguntas ficam mantidas na esfera jornalística, e abordam menos as áreas de formação e atuação do entrevistado, no caso, políticas públicas e fundamentação política.

Ainda assim, faz-se necessário observar que nas demais entrevistas da série *Presidenciáveis* de 2018, por se tratar de candidatos que já estão há pelo menos alguns meses em campanha, senão em carreira política há anos, são retomadas entrevistas anteriores em perguntas, embora sejam raras. Na entrevista com Ciro Gomes, o analista político Ibsen Costa Manso cita uma entrevista do próprio candidato sobre a revogação do teto de gastos para perguntar a ele sobre política

---

<sup>4</sup> Participam das demais entrevistas da série *Presidenciáveis*: Fábio Wajngarten, advogado e analista de mídia; Mariela Almeida, historiadora e pesquisadora de comunidades quilombolas; Rubens Figueiredo, cientista político; André Perfeito, economista-chefe da corretora de valores Spinelli; José Júnior, fundador do *Afroreggae*; e Ilona Szabó, diretora do Instituto Igarapé e especialista em segurança pública; Ibsen Costa Manso, analista político; Priscila Cruz, fundadora e presidente-executiva da ONG Todos Pela Educação.

econômica; Rubens Figueiredo, cientista político, cita a simpatia expressa por Guilherme Boulos à Venezuela para perguntar sobre conciliação de classes no Brasil; e Priscila Cruz, fundadora e presidente-executiva da ONG Todos Pela Educação, retoma falas do então governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, sobre o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) para perguntar sobre políticas educacionais em nível federal, caso eleito; além desse, não foram encontrados outros casos.

Essas menções a falas anteriores, no entanto, não configuram necessariamente polêmicas discursivas: trata-se da transmissão do discurso alheio, estudada e descrita por Valentin Volóchinov, em que um discurso autoral incorpora e modifica um outro enunciado com marcas estilísticas e sintáticas reveladoras de maior ou menor assimilação. As formas de percepção e de transmissão do discurso alheio, para Volóchinov, são validadas pela estrutura gramatical de uma língua a partir do que é socialmente pertinente e, por isso, refletem “inter-relações sociais estáveis dos falantes” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 253) em oposição a processos unicamente subjetivos ou psicológicos:

O desenvolvimento do modelo do direto percorreu um caminho histórico longo e instrutivo que vai desde os blocos volumosos, inertes e indivisíveis do discurso direto nos monumentos antigos até os meios modernos, flexíveis e frequentemente ambivalentes da sua introdução no contexto autoral. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 278)

Essas modificações são interessantes a esta análise, porque argumentam como a própria transmissão dos discursos alheios refere-se a modificações históricas da língua, perpassando comunicações sócio-ideológicas; portanto, os próprios fenômenos discursivos são diacrônicos e construídos socialmente entre os falantes. Ou seja, também no *corpus* aqui analisado a escolha pela transmissão do discurso alheio ou pelo estabelecimento de polêmica, pelos entrevistadores, está situada em um contexto histórico e suscitam formas de expressão sógnica.

Então, além de a transmissão do discurso alheio acontecer raramente nas entrevistas com os candidatos, em nenhuma das outras entrevistas da série Presidenciais de 2018 algum entrevistador lê ou cita diretamente as palavras do entrevistado, mas isso ocorre na de Bolsonaro com uma pergunta de Thaís Oyama (TO), redatora-chefe da revista *Veja*, aos 44'28”:

TO: deputado eu posso... ahn:: continuando no Congresso... lembrando uma frase que o senhor disse Sobre o Congresso o senhor disse o seguinte... que se FOsse eleito presidente FEcharia o Congresso... (lendo) esse país não vai mudar pelo voto infelizmente SÓ uma guerra civil... tem que fazer o que o regime NÃO fez fechar o Congresso e matar uns trinta mil... se vão morrer alguns inocentes TUDO bem... isso o senhor disse em mil novecentos e noventa e nove o senhor tinha quarenta e quatro anos o senhor tava no terceiro mandato como deputado... hoje o senhor tem sessenta e três anos o senhor é candidato a presidente da república... e o senhor disse

algumas coisas como por exemplo... que o senhor pretende dobrar o número de ministros no STF<sup>5</sup>

Nessa pergunta, a leitura traz a marcação específica entre os discursos, em que há pouca assimilação do transmitido pelo transmissor, ou seja, há pouca reinterpretção porque a fala é citada literalmente, um discurso direto reificado, cuja caracterização é dada pelas próprias palavras do outro (VOLÓCHINOV, 2017). Como será visto a seguir, esse é modelo da maioria das perguntas feitas a Jair Bolsonaro pela bancada, composta, além de Thaís Oyama, por Daniela Lima (DL), editora da coluna Painel, da Folha de São Paulo; Maria Cristina Fernandes (MCF), colunista do jornal Valor Econômico; Leonencio Nossa (LN), repórter especial do jornal Estadão; e Bernardo Mello Franco (BMF), colunista do jornal O Globo, além do mediador Ricardo Lessa (RL).

#### 4. AS PERGUNTAS: UM PANORAMA GERAL

As falas dos entrevistadores podem ser classificadas como 1) perguntas inaugurais de assunto; 2) tréplica; 3) altercação. As perguntas inaugurais de assunto foram preparadas anteriormente à entrevista, são geralmente longas, citam dados, fatos, fazem relações entre assuntos, algumas partes são lidas pelos entrevistadores e propõem uma linha de raciocínio. Essas perguntas não são necessariamente feitas na ordem planejada; dependendo de como o diálogo se desenvolve, os entrevistadores adéquam-nas aos assuntos que são abordados e seus desdobramentos. As tréplicas podem ser novas perguntas ou comentários, e normalmente se referem ao que o candidato respondeu ao questionamento proposto, e isso é sintaticamente marcado por construções como “o senhor acabou de dizer”; “aproveitando o gancho”; “só voltando naquele assunto”, por exemplo, e geralmente carregam polêmicas veladas, que mantêm a discussão acerca do objeto proposto pelas falas imediatamente anteriores.

Uma vez que é mais comum as polêmicas acontecerem em meio ao diálogo já estabelecido na entrevista, porque se referem ao já dito em um mesmo contexto de comunicação, preocupa-se em perceber o quanto os entrevistadores abordam as polêmicas fora dessa situação, ou seja, nas perguntas preparadas anteriormente à entrevista. Das 17 perguntas inaugurais de tema feitas ao longo da entrevista, 15 mencionam direta, por meio de citações, ou indiretamente declarações prévias de Jair Bolsonaro que ganharam notoriedade na mídia, as quais estão relacionadas a seguir.

**Tabela 1:** as falas anteriores de Jair Bolsonaro citadas em perguntas inaugurais de tema

Fala	Local	Data
------	-------	------

<sup>5</sup> Todas as transcrições da entrevista foram feitas de acordo com as normas do projeto NURC.

Homenagem ao coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra	Câmara dos deputados	17/04/2016
“Não entendo mesmo de economia”	Entrevista ao jornal O Globo	21/07/2018
“O Trump serve de exemplo pra mim”	Em viagem aos Estados Unidos	02-09/10/2017
Defesa do aumento do teto de salários de servidores públicos	Em palestra na Confederação Nacional da Indústria (CNI)	2018
“Esse país não vai mudar pelo voto, infelizmente só uma guerra civil, tem de fazer o que o regime não fez, fechar o congresso e matar uns trinta mil... se morrer alguns inocentes, tudo bem”	Entrevista ao programa Câmera Aberta, da emissora Band	1999
Apoio à greve dos caminhoneiros	Em vídeo publicado em redes sociais	20/05/2018
Defesa da ditadura militar	Em entrevista a Marco Antonio Villa	22/07/2017
“Ela não merece [ser estuprada] porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque não merece” referindo-se à deputada Maria do Rosário	Na Câmara dos deputados e em entrevista	2003 e 2014
“Não existirá o politicamente correto [...] no que depender de mim, com a ajuda de vocês, todos terão porte de arma de fogo”	No aeroporto de Belém	05/10/2017

<p>“Não sei qual é a adesão dos comandantes, mas, caso venham reduzir o efetivo [das Forças Armadas] é menos gente nas ruas para fazer frente aos marginais do MST, dos haitianos, senegaleses, bolivianos e tudo que é escória do mundo que, agora, está chegando os sírios também. A escória do mundo está chegando ao Brasil como se nós não tivéssemos problema demais para resolver”</p>	<p>Entrevista ao Jornal Opção</p>	<p>22/09/2015</p>
---	-----------------------------------	-------------------

Esse dado sugere que há uma tentativa maior, por parte dos entrevistadores, de fazer com que Bolsonaro assuma ou defenda suas falas anteriores, e menor de perguntar sobre propostas, planos de governo e pautas defendidas pelo candidato; estabelecer a polêmica por meio da citação do discurso alheio, então, assume função prioritária em relação ao debate político, que chega a ser deixado de lado em prol da discussão acerca do que o candidato disse ou deixou de dizer, como exemplifica a seção a seguir.

## 5. A PERGUNTA: “O SENHOR DISSE”

Thaís Oyama participou da bancada de entrevistadores representando a revista *Veja*, como editora-chefe desse veículo de comunicação que se posiciona à direita do espectro político, mas que em 1986 denunciou a tentativa de atentado a bomba planejada por Jair Bolsonaro em quartéis e na Academia Militar das Agulhas Negras. Em uma pergunta inaugural de assunto, aos 57’14” da entrevista, é possível observar o fenômeno discursivo da polêmica da mesma forma como apareceu em diversos outros momentos da entrevista: os jornalistas citam uma fala anterior de Bolsonaro e perguntam a ele se mudou de opinião ou se trataria o mesmo assunto da mesma forma, caso eleito presidente<sup>6</sup>. Essa pergunta, transcrita a seguir, é exemplar porque condensou dois aspectos importantes presentes ao longo da entrevista: o tipo de pergunta pela transmissão do discurso alheio, e o tipo de resposta, pela justificativa e pela negação.

TO: deputado

[

RL: depois vamos ali pra Thaís que ela tem uma

[

<sup>6</sup> Em outros momentos, os entrevistadores se referem à homenagem feita por Jair Bolsonaro ao coronel Brilhante Ustra para perguntar se a tortura seria uma prática do Estado, caso eleito presidente; à defesa do fechamento do Congresso para perguntar se o candidato se considera um democrata, por exemplo.

TO: uma pergunta sobre a sua especialidade o senhor falou recentemente numa reunião com/ num banco de investimentos... falando ESpecificamente sobre aquela situação dos duzentos traficantes que fugiram da rocinha... aí o senhor disse

JB: não o da rocinha/ não o da rocinha foi o da/ foi o primeiro da PP lá na

RL: [ no do Alemão

JB: [ mas tudo bem faz de conta que foi o da rocinha vai

TO: [ foi o da rocinha aí o senhor disse que se estivesse/ se o caso estivesse nas suas mãos que o senhor ia usar o seguinte método... que o senhor distribuiria panfletos por helicópteros dizendo que os bandidos se rendessem em seis horas e CAso eles NÃO se rendessem em seis horas aí o senhor man::dava metralhar tudo... e:/ e o senhor disse que um caso como esse NÃO aconteceria mais se o senhor presidente... gostaria de saber COmo o senhor pretende resolver casos como esse

JB: vamo lá eu fui entrevistado pelo professor Augusto Nunes... tá? e tinha mais de DOis mil homens e mulheres no mercado... esse assunto... mais ou menos foi tratado dessa forma... no domingo isso foi uma terça feira num domingo lá o Jardim contou Essa história que você contou aí... então se eu tivesse falado uma bar-ba-ri-da-de dessa com TOda mídia presente pra MAis de duas mil pessoas no MESmo dia eu não seria bombardeado pelas mídias sociais?

TO: mas eu tô falando sobre a carta que a sua assessoria mandou e que

JB: [ ah bom... mas eu tenho que explicar que eu num vou/ que eu não vou metralhar a rocinha

TO: não mas o senhor não disse isso na sua carta i::sso eu já tô/ eu já tô falando sobre a réplica que o senhor mandou pro Lauro Jardim

JB: [ ah bom tá tudo bem... olha só o que acontece lá da rocinha o pessoal fugiu para o alto do morro... LONge da população... como lá no primeiro PP do alemão o pessoal fugiu também... cê tinha que segurar essa pessoal... cê num pode deixar esse pessoal:: continuar sua vida de criminalidade né? estuprando matando sequestrando assaltando você num pode fazer... bandido é bandido

TO: mas metralhar a rocinha era uma es/

JB: [ NUNca falei em metralhar a rocinha

TO: mas o senhor num/ num justificou isso

[

JB: eu nunca fa/ se eu tivesse falado isso na  
terça feira na TERça me/ mesmo seria bombardeado na mídia

LN: agora  
[

JB: e no dia seguinte nos jornais  
[

LN: deputado  
[

JB: o Lauro Jardim botou no  
OUTro domingo essa mentira

TO: não o que o senhor disse pro Lauro Jardim disse pra fazer  
justiça ao Lauro Jardim deputado o senhor disse o seguinte que o  
senhor tinha dito isso NO contexto daqueles traficantes que tinham  
fugido foi isso que dizia a nota que a SUA assessoria mandou pra  
ele... o senhor não neGAva que o senhor tinha dito isso talvez a sua  
assessoria tenha errado  
[

JB:  
vamo lá... se um bando de marginais foge prum canto longe da  
população FORtemente armados  
[

TO: ah bom então é diferente  
[

JB: FORtemente é: esse é o/ esse se/  
nem/ SERia o contexto real seria o co/ FORtemente armados o que/  
qual é a missão que eu pagaria pra: pra minha força de segurança  
né? os comandos os/ os forças especiais os ComAnf SE eu tivesse  
envolvido nessa situação se eu fosse chefe supremo das forças  
armadas  
[

TO: deputado é uma pergunta de/  
[

JB: VAmo tentar que eles se  
rendam... SE não se render vai ter combate esse pessoal não pode  
simplesmente ir pra um canto isolado e esperar tudo acalmar e  
voltar pra cometer isso tudo do lado de cá

RL: agora deputado as forças armadas num deu certo no Rio né?

A jornalista faz referência a uma declaração pública de Jair Bolsonaro, abrindo essa referência com “o senhor falou”, e reforçando-a mais duas vezes: “falando”, “aí o senhor disse”, indicando que o discurso alheio a ser transmitido ficaria sintaticamente marcado como pouco assimilado pelo discurso autoral, deixando os limites claros entre eles. Esse discurso alheio refere-se a uma palestra organizada pelo banco BTG Pactual assistida por cerca de mil executivos do setor financeiro, em fevereiro de 2018, à qual a imprensa não teve acesso, mas o jornalista Lauro Jardim publicou o caso no *site* O Globo e recebeu uma nota da assessoria do então deputado como resposta<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> A nota é a seguinte: "O deputado esclarece que, ao mencionar a Rocinha no evento, se referiu exclusivamente à guerra travada entre traficantes, em setembro do ano passado, quando 200 marginais

As marcas sintáticas de separação entre os discursos e o contexto de emolduramento dessa transmissão, ou seja, o gênero entrevista da esfera jornalística, marcam um projeto de dizer da entrevistadora: ela denuncia o conteúdo da palestra aos olhos dos telespectadores, mas não mantém a importância dada ao discurso indireto pelo seu conteúdo, e sim na forma do discurso e seu falante. As construções “mas eu tô falando sobre a carta”, “mas o senhor não disse isso na sua carta”, “mas o senhor num justificou”, “não, o que o senhor disse pro Lauro Jardim” indicam o redirecionamento da denúncia pelo conteúdo “metralhar tudo” para o discurso alheio, a forma como ele foi previamente divulgado e a expressão do falante, envolta em uma polêmica anterior com o jornalista Lauro Jardim.

Thaís Oyama estabelece uma polêmica ao usar o termo “especialidade” de forma irônica, uma vez que não fica clara qual seria a especialidade à qual se refere: planos de metralhar algum lugar, fazer uma declaração genocida, ou mesmo à defesa do armamento civil e da militarização, pautas defendidas pelo candidato durante sua campanha. Estabelecida a polêmica pela entrevistadora, o discurso do outro – que nesse enunciado é o do próprio Bolsonaro – passa a ser o objeto do discurso de ambos, o que leva ao abandono da discussão sobre o assunto da pergunta, à postura defensiva do entrevistado e, conseqüentemente, ao esvaziamento do debate político.

Pode-se argumentar que o discurso da entrevistadora está direcionado ao discurso de Bolsonaro porque o tematiza, e que, portanto, trata-se de uma polêmica aberta; a expressão “casos como esse” evidenciam que a importância maior é dada à declaração anterior do candidato: quais casos como esses? Não se sabe se se refere à fuga dos traficantes, ou especificamente à dos do Rio de Janeiro, ou às que foram noticiadas pela mídia. Soma-se a isso a confusão na indicação do local que supostamente seria metralhado, fazendo-se referência às favelas do Alemão e da Rocinha, impasse resolvido pelo próprio entrevistado: “faz de conta que foi o da rocinha vai”. Fazer de conta é cogitar algo que se afasta da realidade, o que reforça que o que está em disputa é o discurso citado e não a gravidade que a entrevistadora dá à denúncia, repetindo o termo “metralhar” de modo a salientá-lo na discussão. É importante ressaltar que há a preocupação não na classificação das perguntas entre polêmicas abertas ou veladas, mas no efeito de abandono de um tema para que se passe a discutir um discurso.

Na continuação, “a nota” e “talvez a sua assessoria tenha errado” marcam a insistência na polêmica, enquanto que “para fazer justiça” e “ah bom, então é diferente” marcam novas polêmicas, ainda orientadas ao discurso de Bolsonaro. Essa insistência e discordância, no entanto, não retomam o conteúdo e são permeadas pelas relações que se estabelecem entre os que estão interagindo conforme as justificativas se desenvolvem no diálogo. É possível afirmar, ainda, que

---

fugiram pela mata no alto da comunidade e se espalharam e se refugiaram em outras favelas na zona norte do Rio, levando pânico e terror à população carioca. A fuga foi acompanhada por helicópteros da polícia e de emissoras de TV, sem que os policiais os tivessem detido, pois o Estado não os permite agir, pela falta de retaguarda jurídica. Ao falar daquele episódio específico da Rocinha, uma vez que os marginais estavam claramente afastados da comunidade e, portanto, passíveis de sofrer efetiva ação policial para prisão, sem o risco de ferir os cidadãos de bem que moravam no local, o deputado tomou tal exemplo para se manifestar, no sentido de ser favorável a ações efetivas por parte do Estado, inclusive atirando em casos de confronto ou não rendição. O deputado lembra que, em episódio bastante similar, o Brasil também assistiu, estarecido, à fuga em massa de traficantes armados da Vila Cruzeiro e Complexo do Alemão em novembro de 2010. O deputado afirma que tais episódios não voltarão a ocorrer caso seja eleito este ano.”

o esvaziamento da objetividade da discussão leva ao mero debate formal, e que a discordância aparece mais pelo tom da jornalista do que por uma perspectiva assumida por ela.

Tendo em vista o exemplo transcrito e retomando-se as perspectivas de polêmica anteriormente apresentadas, não parece ser possível situar a entrevistadora e o entrevistado em campos semânticos opostos, entre os que defendam “disse” ou “não disse”, ou “a favor de metralhar a favela” e “contrário a metralhar a favela”, conforme a perspectiva de Ruth Amossy apresentada anteriormente, uma vez que a contraposição entre a jornalista e Bolsonaro é aparente e formal. A jornalista procura evidenciar a discordância, mas não chega a argumentar, o que mantém esse *corpus* não necessariamente em um *continuum* argumentativo. Além disso, a questão diacrônica mostra-se fundamental para o debate: as favelas do Rio de Janeiro, sua formação e o que representam para a sociedade brasileira, sua relação com o Estado e com a população carioca, seu reconhecimento internacional e as diversas polêmicas na mídia a respeito delas são processos históricos que retomam outros discursos sobre o tema. Já a perspectiva dialógica, no entanto, abarca a polêmica formal estabelecida pelo entrevistado e a resposta negativa do entrevistado, como veremos a seguir.

## 6. A RESPOSTA: “NÃO EXISTE ISSO AÍ”

A primeira resposta do candidato à pergunta procura explicar o contexto em que disse a frase citada, justificando-se, mas, frente à insistência da entrevistadora e à repetição do termo “metralhar”, Bolsonaro nega que tenha dito aquilo. Essa é uma prática recorrente ao longo da entrevista: a resposta a nove das 15 perguntas que citavam uma fala anterior do entrevistado foi de negação, ou do conteúdo ou do próprio discurso – por exemplo, quando questionado sobre a abertura dos documentos sigilosos da ditadura militar, pergunta feita com base em uma polêmica com a homenagem ao coronel Brilhante Ustra, o candidato negou a existência de tais arquivos:

LN: então de eleito o senhor vai abrir os arquivos pra gente saber dessa história?

JB: tem mais arquivo nenhum... tá?

LN: [ tem sim... tem sim... os/ os/ os centros de inteligência guardam os arquivos

JB: desconheço... e esse é pro/ o líder da anistia sepultou isso aí... e a esquer/ e a esquerda do PCdoB

e quando questionado sobre o apoio dado à greve da polícia militar do Espírito Santo em vídeo postado nas redes sociais, o qual teve mais de um milhão de visualizações, respondeu que a mídia não existe:

LN: mas postou vídeo no: no facebook teve MAIS de um milhão de: curtidas

[  
JB: qual vídeo? de qual/  
qual greve? qual motim?

LN: de fevereiro do ano passado na po/ na greve da polícia militar do Espírito Santo

[  
JB: do Espírito Santo? me  
MOSTre eu/ eu/ eu dizendo que eles têm que permanecer nos quartéis NUM existe esse vídeo

A relação dialógica estabelecida pelo candidato de negação de um conteúdo ou do próprio discurso reforça o esvaziamento político do debate, além de colocar os entrevistadores em situações desconfortáveis: se a maioria das perguntas se basearam em falas anteriores de Bolsonaro, e ele as nega, o diálogo fica fadado à altercação; pode-se caracterizar essa prática como uma fuga do debate pelo “não”. No trecho analisado, “essa mentira”, “essa história que você contou aí” sinalizam primeiramente a tentativa de desmoralização do jornalista que divulgou a fala da palestra à época, Lauro Jardim; a seguir, “nunca falei em metralhar a Rocinha” marca a negação.

Depois da negação do que havia dito, o entrevistado procura, mais uma vez, justificar o contexto, e agora parece assumir, de forma mais indireta, a posição questionada pela entrevistadora. “Bandido é bandido”, “longe da população”, “fortemente armados” marcam um discurso que procura se legitimar, uma vez contestado. Mas ainda assim, a preocupação maior que aparece é a discussão sobre aquilo que foi dito e sua negação; não sobre propostas políticas, nem futuras, nem pertencentes ao programa de governo, embora ideológicas. A negação, então, é um expediente recorrente de Jair Bolsonaro ao longo da entrevista, seja em relação ao seu próprio discurso, seja em relação a fatos históricos:

MCF: e o que que o senhor propõe pra resgatar a dívida da escravidão deputado?

JB: mas que dívida? eu nunca/ eu/ eu/ EU nunca/ NUNca escravizei ninguém na minha vida... que dívida é essa?

[  
MCF: o senhor não mas o país escravizou

JB: olha só... olha só... se for ver história realmente... o português nem pisava na África os próprios negros que entregavam o escravo no/ no

[  
RL: não  
pisava pelo amor de deus ((risadas))

[  
JB: não não mas era isso aí era uma briga quem perdia a guerra quem perdia a guerra

[

- RL: os portugueses é que faziam o tráfico  
 JB: num faziam/ faziam o tráfico  
 MCF: os ingleses faziam o tráfico e traziam pra cá  
 [  
 JB: mas pega/ não traçavam os negros na costa eram entregue pelos próprios negros  
 [  
 RL: também... mas eles pagavam  
 JB: pelo amor de deus  
 RL: pagavam pra isso  
 [  
 JB: mas pera aí... que dívida é essa?

A negação de fatos históricos caracteriza o revisionismo histórico, ou negacionismo, que é “um fenômeno central dos governos de centro-direita” (VALIM; CHAUVIN, 2019) e compõe uma das matrizes ideológicas no discurso da nova direita brasileira. Desde a valorização da ditadura militar, até a rápida resposta de que não existe um vídeo visualizado por mais de um milhão de pessoas, ele configura a sobreposição do indivíduo a processos históricos, e isso se baseia, entre outros elementos, na suposição feita por essa ideologia de que a Ciência, inclusive as Ciências Humanas, podem ser rejeitadas.

É essa relação dialógica da negação do conteúdo ou do próprio discurso, materializada diversas vezes ao longo da entrevista, que expõe esse traço ideológico construído historicamente: “cada produto ideológico (ideologema) é parte da realidade social e material que circunda o homem, é um momento do horizonte ideológico materializado” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 50). Se faz parte da realidade social o fortalecimento do neoliberalismo e do revisionismo histórico, também faz parte a transmissão do discurso alheio em tom de denúncia, deixando-o destacado do discurso transmissor, e a valorização daquilo que já foi noticiado pela mídia.

Justamente porque os entrevistadores citam os discursos de Bolsonaro literalmente, com afastamento e pouca resignificação, e polemizam com ele, que ele se torna um objeto refutável e é pouco aprofundado. Escolhe-se, diante dos entrevistadores, estabelecer uma relação de evidência midiática à discussão do próprio revisionismo histórico, por exemplo, para uma sociedade como a brasileira. Como já indicado anteriormente, a bancada ser formada apenas por jornalistas pode influenciar nesse afastamento do político em direção ao notório; de qualquer forma, essa foi a entrevista de toda a série em que mais se discutiu o que o candidato disse ou deixou de dizer.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora esta não seja uma análise comparativa, é notável como em outras entrevistas da mesma série as raras menções às falas anteriores dos candidatos levaram à discussão de fato do conteúdo, e isso pode delimitar parâmetros para a

definição do que é o debate político esperado no programa Roda Viva. Nesse sentido, a entrevista cedida por Jair Bolsonaro chama a atenção pelas poucas propostas e pelos assuntos abordados. No entanto, é necessário que se analise o enunciado que compõe essa edição do programa por todas as suas partes, incluindo as interações ali estabelecidas pelos entrevistadores.

A transmissão do discurso alheio e o estabelecimento de polêmicas por parte dos entrevistadores leva a um debate formal e pouco objetivo em relação a propostas políticas, mas bastante significativo em alguns aspectos: as matrizes ideológicas de um discurso que se nega e se justifica para além de qualquer processo histórico de uma sociedade. No gênero entrevista em questão, o discurso alheio é empregado como uma estratégia de denúncia daquilo que já foi noticiado pela mídia e fica limitado a apenas isso, sem conseguir levar adiante debates que importam a um processo eleitoral, nem formular discordâncias que marquem uma posição ideológica diferente.

Assim, é a partir de aporte teórico que leve em consideração as relações dialógicas que se estabelecem em qualquer enunciado que é possível aproximar-se de um *corpus* como a entrevista em seu sentido pleno: parte-se da materialidade da língua e da concepção de que ela é um fato social, perpassando as relações estabelecidas entre os interactantes imediatos, frente a frente, dentro de um gênero de entrevista, para se chegar aos contornos ideológicos desenhados pelos fenômenos discursivos.

---

## Referências

---

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. Trad. Rosalice Botelho, Wakim Souza Pinto *et al.* Coord. Trad. Mônica Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Org., Trad., posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad., posfácio e notas Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BOLSONARO em 25 frases polêmicas. **Carta Capital**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

JARDIM, L. A solução de Bolsonaro para a Rocinha. **O Globo**. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/solucao-de-bolsonaro-para-rocinha.html>. Acesso em: 30 jun. 2020.

JORNAL DE BRASÍLIA. 'Cada vez mais humano', 'fedorentos' e 'massa de manobra': as declarações de Bolsonaro sobre índios. Disponível em: [jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/cada-vez-mais-humano-fedorentos-e-massa-de-manobra-as-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-indios/](http://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/cada-vez-mais-humano-fedorentos-e-massa-de-manobra-as-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-indios/). Acesso em: 06 jun. 2020.

LIMA, J. C. **Uma história da TV Cultura**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2008.

LISTA de entrevistados e temas do programa Roda Viva. *In*: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista\\_de\\_entrevistados\\_e\\_temas\\_do\\_programa\\_Roda\\_Viva](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_entrevistados_e_temas_do_programa_Roda_Viva). Acesso em: 20 jun. 2020.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP, Pontes-Ed. Unicamp, 1997.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudo literários**. Introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1993.

PRETI, D. & LEITE, M. Q. (orgs.) **Comunicação da fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2013.

PIMENTEL, M. Relembre falas polêmicas de Jair Bolsonaro. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/relembre-frases-polemicas-de-jair-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 06 jun. 2020.

REDDIT. Em nota enviada para o Lauro Jardim, Bolsonaro não desmentiu o que falou sobre a rocinha e tentou se explicar sobre o comentário. Disponível em: [https://www.reddit.com/r/brasil/comments/7ww8ay/em\\_notas\\_enviadas\\_para\\_o\\_lauro\\_jardim\\_bolsonaro\\_n%C3%A3o/](https://www.reddit.com/r/brasil/comments/7ww8ay/em_notas_enviadas_para_o_lauro_jardim_bolsonaro_n%C3%A3o/). Acesso em: 30 jun. 2020.

REVISTA VEJA. ReVeja Jair Bolsonaro: explosivo desde 1986. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reveja/reveja-jair-bolsonaro-explosivo-desde-1986>. Acesso em: 25 jun. 2020.

RODA Viva nas eleições: série com presidenciáveis soma mais de 16 milhões de visualizações nas redes. **Uol**. Disponível em: [https://cultura.uol.com.br/noticias/659\\_roda-viva-nas-eleicoes-serie-com-presidenciaveis-soma-mais-de-16-milhoes-de-visualizacoes-nas-redes.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/659_roda-viva-nas-eleicoes-serie-com-presidenciaveis-soma-mais-de-16-milhoes-de-visualizacoes-nas-redes.html). Acesso em: 05 de jul. 2020.

Roda Viva. **Roda Viva | Jair Bolsonaro | 30/07/2018**. Roda Viva, 2018. 1 vídeo (81 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IDL59dkeTi0>. Acesso em: 04 jul. 2020.

SILVA, F. M. O Roda Viva e as estratégias de construção de um debate público. *In*: GOMES, I. M. M., (org.). **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011.

VALIM, P.; CHAUVIN, J. P. Combates pela História do Brasil: uma resposta ao revisionismo histórico. **Jornal da USP**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=278265>. Acesso em: 01 jul. 2020.

VELOSO, S. R. S. **Polêmicas discursivas na perspectiva bakhtiniana**: embates entre vozes de cientistas e outras vozes na arena do Roda Viva. 2011. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa), São Paulo.

VELOSO, S. R. S. **Polêmicas discursivas e réplicas dialógicas**: refrações reveladoras de posicionamentos discursivos. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 40 (3): p. 1697-1609, set-dez 2011.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

---

#### **Para citar este artigo**

---

ANTUNES, M. P. Polêmicas discursivas: as perguntas a Jair Bolsonaro no Roda Viva. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 3, 2021, p. 100-118.

---

#### **A Autora**

---

MAIT PAREDES ANTUNES é formada em Letras pela Universidade de São Paulo, com habilitação em Português e Linguística. Mestranda pela mesma instituição pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.